

ANO ZERO - Fev. 92

O embaixador dos povos
da floresta fala sobre

A CONVIVENCIA COM A GRANDE MAE

63R00649

No momento em que a sobrevivência da espécie se encontra ameaçada e a Humanidade enfrenta sua maior crise de consciência, ANO ZERO conversa com um herdeiro da sabedoria *selvagem* que alguns *civilizados* procuram destruir há mais de 400 anos.

Por Pedro Camargo
e Alexandre Mansur

Colaborou: Philippe Piet Van Putten

Brasília, 4 de setembro de 1987: na Assembléia Constituinte, diante dos deputados perplexos, um índio pinta o rosto de negro enquanto discursa contra a discriminação dos povos indígenas.

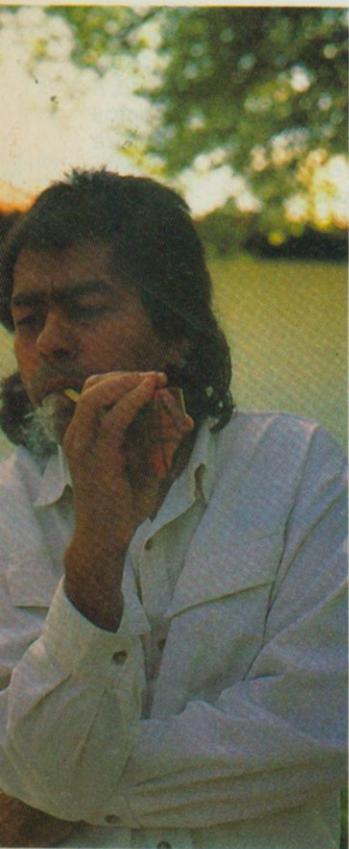
Este estranho gesto, noticiado pela imprensa do mundo inteiro, consagrou definitivamente a imagem pública de Ailton Krenak. Hoje, presidente da União das Nações Indígenas (UNI), ele é um dos porta-vozes dos povos da floresta. Reside em São Paulo mas passa a maior parte de seu tempo em trânsito pelas mais distantes regiões do Brasil e do mundo, a caminho de conferências, debates, eventos políticos e ecológicos. Além disso, reúne-se bimestralmente em Brasília com o Conselho Nacional de Meio Ambiente.

Em reconhecimento ao seu trabalho, Krenak recebeu o prêmio da Fundação Onassis, na Grécia. A quantia recebida — 100 mil dólares — foi investida num antigo projeto: o Centro de Pesquisa Indígena, em Goiânia. Nesse centro, cientistas da USP, Embrapa, Universidade Católica de Goiás e Universidade Federal de Goiás, além de vários pesquisadores de instituições internacionais, estudam agricultura através de um intercâmbio cultural com os índios. A idéia é associar o antigo saber indígena com a tecnologia contemporânea.

Herdeiro de uma cultura ancestral que os brancos dos quatro últimos séculos não conseguiram destruir, Krenak foi também um dos principais articuladores da Aliança dos Povos da Floresta, selada pela UNI e o Conselho Nacional dos Seringueiros, movimento apoiado por celebridades internacionais como Milton Nascimento e Sting.

Nesta conversa com ANO ZERO, o filósofo Ailton Krenak fala do saber milenar que nos ensina a pisar suavemente sobre a Terra.

Este país é muito novo. Quatrocentos anos não são nada...



ANO ZERO — Como surgiu a Aliança dos Povos da Floresta?

AILTON KRENAK — A Aliança congrega comunidades que não são apenas indígenas, mas também de seringueiros e populações ribeirinhas. Essa semente resultou do caminho que índios e seringueiros trilharam juntos, principalmente no sul do Amazonas e no Acre, quando Chico Mendes estava organizando as lutas para proteger as áreas de seringais, próximas ao rio *Juruá*. Nessa região existiam muitos índios que eram trabalhadores cativos, ou seja, escravos.

AZ — Cativos de quem?

AK — Dos seringalistas, que não eram donos de fato das terras, mas do uso do seringal. São os coronéis de barranco. Gente que controla o comércio, os transportes e os grandes armazéns, chamados barracões. Os seringueiros e índios, que não têm moeda para comprar, acabam se filiando ao sistema de abastecimento do barranco. Você trabalha o ano inteiro cortando seringa. Se até o final do ano, tiver cortado a quantidade de seringa equivalente aos produtos que consumiu, você está OK com o seringal. Mais isso nunca acontece, seringueiro ou índio fica sempre devendo. O resultado é que no fim de dois ou três anos sendo abastecido pelo patrão, ele já está devendo vinte ou trinta anos de trabalho.

AZ — Quer dizer que o sistema cativo é uma espécie de escravidão por dívida?

AK — Exato. Trata-se de um negócio maravilhoso que o capitalismo brasileiro consegue compatibilizar com seus aspectos aparentemente modernos. Existe a Fiesp na Avenida Paulista, e o sistema cativo na Amazônia, encabeçado por certos governadores e membros do Congresso. São os barões da borracha, herdeiros daquela mentalidade senhorial que chamava índios, seringueiros e ribeirinhos de *caboclos*. Por caboclo entende-se todo aquele que não é branco, não exatamente de pele, mas, digamos assim... "branco". Esses caras, brancos na vontade, matam, esfolam e carimbam os índios. Para poderem administrar melhor a sua propriedade humana, os donos dos seringais carimbavam a espádua dos *caboclos* a ferro quente para que, na hora do lusco-fusco, algum patrão não confundisse os seus índios com os de outro. Até hoje tem índio *Caxinauá* com as iniciais do patrão marcadas na pele.

AZ — Esse sistema, então, continua vivo.

AK — Continua. As lideranças mais ilustres da Aliança dos Povos da Floresta são fuziladas periodicamente para garantir a força das elites amazônicas. O Chico Mendes foi assassinado e o mundo inteiro se barbarizou. Mas depois disso continuam matando seringueiros e massacrando nossos parentes no meio da mata. Essa dominação está muito consolidada no espírito daqueles patrões amazônicos. Mais ou menos como o sistema de castas. E se a sociedade acha que deve proteger a cultura de gente como esses barões da borracha, acaba até criando algum incentivo para que eles continuem esfolando os caboclos e mantendo sua tradição. Porque a gente não pode querer proteger a tradição

de uns e esfolar a tradição de outros, não é mesmo?

AZ — Existem limites de terras, mas não de direitos...

AK — Eu acredito que o direito dessas elites amazônicas termina quando eles começam a carimbar a ferro-quente e fuzilar o nosso povo. Eles não são donos de seringais ou florestas. Esses homens se apropriaram da floresta e da gente que vive dentro dela, se dizendo conquistadores. Na verdade, uma parte daqueles que governam a Amazônia hoje ainda se sente herdeira dos conquistadores. Isso aconteceu porque o Brasil é muito novo. Quando você pensa bem, são só 4 séculos de invasão, isso não é nada... Existe um senhor que vive em Minas Gerais, que tem 135 anos. Esta pessoa maravilhosa já assistiu a quase metade do que aconteceu depois que os brancos chegaram aqui. Duas ou três gerações daquele seu Francisco acompanharam toda a história. Nosso povo tem muito mais que isso. Então, esses novos brasileiros que chegaram aqui outro dia, sem a memória, sem a herança que nosso povo tradicional tem, esses novos brasileiros acham que têm uma antiguidade muito grande e que são donos disso aqui.

AZ — Como você vê esse choque de culturas? Ou melhor, esse atropelamento?

AK — Eu fico admirado quando escolas municipais trazem crianças para visitar esta casa (sede da Embaixada da União das Nações Indígenas). Esta construção é inspirada no modelo colonial dos bandeirantes e foi restaurada pelo antigo Instituto do Patrimônio Histórico para preservar a estrutura que eles chamam de "uma casa bandeirista". Dizem que é do século XVIII e o pessoal vem aqui reverenciá-la. Historiadores e arquitetos dançam em volta dela e voltam felizes para os seus escritórios porque viram uma casa que tem muita antiguidade. Eu fico olhando para eles e penso como esse pessoal é novinho. Acreditam que esta construção, feita outro dia, tem antiguidade suficiente para inspirar sua arquitetura e orientar sua cultura. Será que eles sabem que uma castanheira vive 600 anos? Que o mogno, o jacaraná ou o jequitibá alcançam 1200 anos? E que eles podem ouvir as histórias desse tempo, sentados embaixo da árvore? Será que estas pessoas conseguem pensar que aquela figueira já tem em torno de 200 anos? Essa cultura que a gente chama de ocidental, expressada no prefeito, no vereador, no guarda, no Presidente da República, na avó dele, enfim, toda essa aparente antiguidade é de jardim da infância. E eles aplicam essa "antiguidade" no resto do país, desrespeitando figuras ilustres como este ancião de 135 anos que foi escravizado, desrespeitam gente como nossos avós, que estão na floresta, nas aldeias, há muitos séculos ensinando para seus filhos como andar com cuidado na terra.

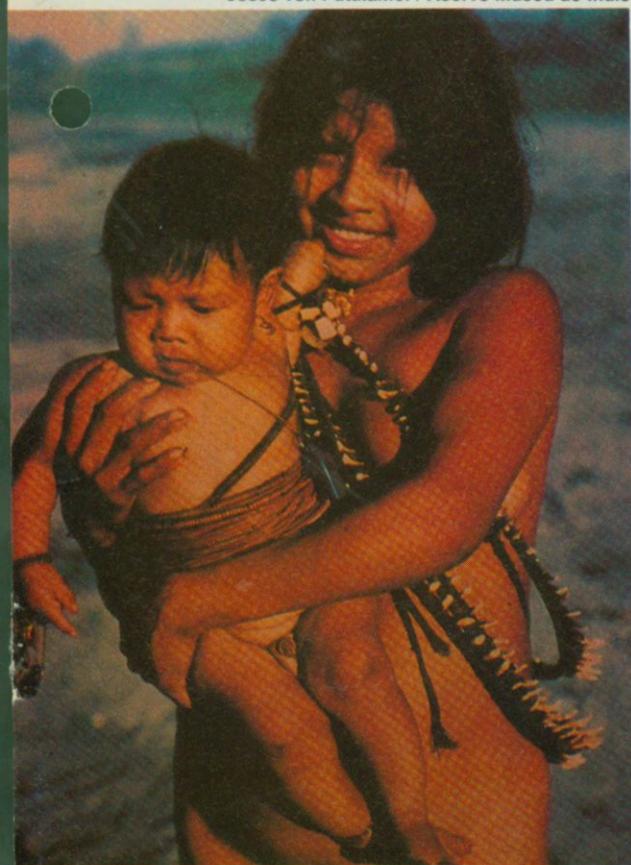
AZ — Durante muitos anos a cultura oficial procurou minimizar a extensão do massacre praticado pelos colonizadores. É possível saber quantas vidas e conhecimentos foram perdidos?

AK — Quando os primeiros viajantes chegaram nesta parte do mundo, relataram em seus regis-



Phillipe van Putten

Jesco von Puttkamer / Acervo Museu do Índio



“O olhar de algumas crianças reflete mais antiguidade que os monumentos dos brancos”, diz Krenak

tros a existência de 900 etnias aqui. Hoje são apenas 180 tribos. Não há como reduzir seres humanos à estatística. Imagine o que os brancos andaram fazendo para acabar 720 povos em 400 anos. Povos que tinham sua cultura, língua e tradições. Não restou nada, a não ser um desenho ou outro feito por um viajante, onde se vê um índio na beira do rio, coisas assim. Pois essa gente foi dizimada com epidemias de gripe, sarampo, varicela e catapora. Uma vez, um amigo meu perguntou: “Como seu povo desapareceu deste jeito? Houve alguma guerra?” Não, não houve nenhuma guerra sangrenta, mas houve sangue. A maior parte do meu povo morreu vomitando sangue por doenças que o branco trouxe. O hálito dos brancos foi pior do que uma bomba para o meu povo. O branco não precisou vir armado, bastou respirar aqui.

AZ — O que você diz dos relatos tradicionais de grandes batalhas contra os índios?

AK — Esse relato épico da ocupação da América aconteceu muito pouco. Durante 400 anos, a ocupação não se fez com espadas e canhões, e sim com um cotidiano medíocre de contaminação de povos inteiros por um sujeito com tuberculose. Bastava um espirro para contaminar toda a aldeia.

AZ — Certa vez, você falou que a cultura indígena apreende o mundo com uma visão circular, enquanto o pensamento ocidental tende a ser linear. Onde as duas se encontram? Ou, pelo menos, onde a reta transgencia o círculo?

AK — Há dificuldade em aprender o princípio de um povo que ensina seus filhos a andar sua-

A sede da União das Nações Indígenas (UNI), em São Paulo

Uma boa parte dos que governam a Amazônia ainda se sente herdeira dos conquistadores.

Venho de uma tradição onde não existe o indivíduo da maneira que vocês cultuam.

Centro de Convivência, onde moram os estudantes do Centro de Pesquisa Indígena criado em 1989 e localizado a 20km de Goiânia

vemente sobre a Terra por um outro que chega devastando, construindo estradas e monumentos. Talvez, para os brancos, seja uma honra muito grande morrer fazendo um barulho desgraçado. Você vê como os brancos vivem construindo monumentos para os seus ídolos? É uma maneira de homenagear pessoas que fizeram coisas importantes. Mas o nosso povo ensina aos seus filhos que, quando passarem, passem suavemente sobre a terra, como um pássaro que faz um vôo no céu e não deixa rastro. Quem passa pela terra fazendo monumentos não está seguro de si e precisa deixar sinais para ver se lembram dele.

AZ — Essa postura lembra a do *sátvika* oriental, segundo a qual a presença ou o pensamento têm a força em si. Mas vamos ver se entendemos bem: você acredita que, mais do que ganhar um monumento ou aparecer na TV, o importante é acreditar no que está pensando?

AK — Se o que um povo ou uma pessoa faz é verdadeiro, esse gesto se instala no mundo. Da mesma maneira que o Sol nasce de manhã, lançando toda sua luz sobre a terra. Ele é um dos seres mais lindos que nos visitam e ninguém o anuncia. Com os homens, acontece o contrário:

qualquer medíocre solta na sua frente uma caravana de trombeteiros para dizer "lá vem o gigante". Quanto maior o som das trombetas, menor é o sujeito. No entanto o caminho dos homens está entre esse tropel de cavalos e o silêncio dos pássaros. E nós devemos trilhá-lo com a seguinte sabedoria: tudo que você tem a fazer, só você pode fazer. Infelizmente, a maior parte das pessoas vive a integridade projetada para os outros. Elas precisam de um diploma ou de um título, seja de deputado ou monge. Essa imagem exterior não tem sentido algum. Se o seu trabalho fica, embora ninguém nunca tenha percebido sua passagem no mundo, você recebeu um presente muito grande.

AZ — Ailton, com todo o seu prestígio na Europa, ultimamente você tem atravessado períodos de silêncio durante os quais não dá entrevistas. Foi meio difícil conquistar este encontro. Por que?

AK — Tenho procurado me educar para não ficar falando o dispensável. Do lugar em que me encontro, procuro transmitir a palavra dos parentes que vivem em maior isolamento, tribos amigas que não falam português, ou não têm acesso à imprensa. Tenho percebido que não é tão importante sair pelo mundo fazendo muita



falação. Às vezes, é melhor fazer coisas pequeninhas que são compreendidas ao invés de um barulho muito grande, que confunde a cabeça e a expectativa dos outros.

AZ — Como aconteceu sua história, em linhas gerais, desde que você nasceu em Minas Gerais até virar uma celebridade?

AK — Uma vez, uma pessoa veio conversar comigo a fim de fazer o meu perfil para uma revista. Quando ela terminou de explicar o que era um perfil, falei: "É uma estátua o que você vai fazer de mim. Depois que tiver feito uma bem bonita, os pássaros vão cagar em cima dela". A repórter insistiu, pedindo que eu falasse sobre Ailton. Então expliquei que venho de uma tradição onde não existe o indivíduo assim, do jeito que vocês cultuam. Sou herdeiro de uma memória coletiva e posso contar a história da minha gente. Durante muitos e muitos anos, meu povo habitou uma região que se estende do litoral do Espírito Santo, passando pelo vale do rio Doce até o sertão de Minas Gerais, pegando o rio Jequitinhonha. Em certas épocas do ano, acampávamos no vale, aproveitando a baixa do rio para pegar peixes e colher frutas. No período das cheias, passávamos para as áreas mais altas, nas aldeias. Em geral, isso coincidia com o tempo das festas, quando os clãs efetuavam casamentos entre si, faziam grandes caçadas, o período em que se realizava o artesanato. Depois se espalhavam outra vez. E só se encontrariam de novo quase um ano depois, por ocasião de festas, para ver as crianças que nasceram. Assim vivemos durante muito tempo, enquanto esse lugar ainda não era chamado Brasil. Nas terras altas, nossas famílias relatavam sua tradição antiga, a história da criação do mundo, de quem somos...

AZ — Você sabe como foi o primeiro contato com os brancos?

AK — Eles vieram avançando a partir do litoral. A primeira coisa que fizeram foi espantar meus antepassados de lá, impedindo-os de voltar na primavera para colher frutos e pescar. As serras onde meus parentes se refugiaram chamam-se hoje Serra dos Aimorés. É a região do meu povo Krenak, que também foi apelidado pelos brancos de Botocudos.

AZ — Em que época foi isso?

AK — Quando D. João VI chegou aqui, fugindo de uma guerra na Europa, trouxe com ele um plano de colonização estrangeira do vale do rio Doce. Para isso, foi preciso desocupar minha região, o que significava acabar com a tribo. Essa guerra durou de 1808 a 1893, usando todos os regimentos que conseguiram mobilizar no Rio de Janeiro e em São Paulo contra uma gente que andava nua e tinha arcos como arma. Os sobreviventes desses clãs foram reunidos em missões religiosas, pois o governo brasileiro fez um acordo com os capuchinhos para que administrassem o esbulho do meu povo, cristianizando os índios. Em 1893, esses parentes — chamados de aldeados — de uma missão em Itambacuri fizeram um levante. Eles estavam sendo alugados como mão-de-obra para os cafeicultores. Isso separava os homens das mulheres e das crianças. O convento foi incendiado, os monges degolados e os nossos parentes fugiram para o mato.

AZ — Eles ficaram por lá?

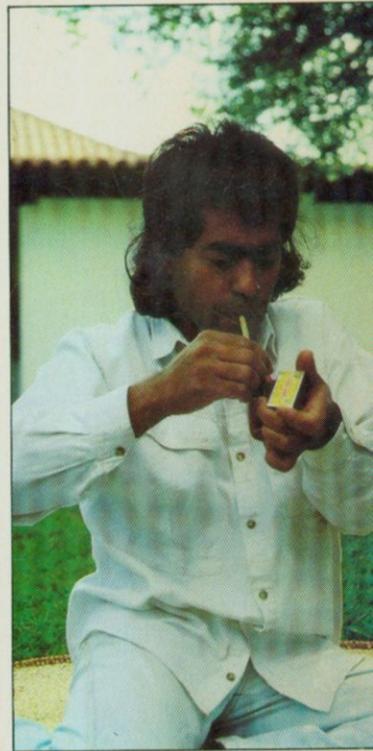
AK — Até 1922, meu povo ficou refugiado na Serra dos Aimorés, ou "arredio", como dizem os brancos. Foi então que o Marechal Rondon chegou com o Serviço de Proteção ao Índio e pacificou os últimos grupos guerreiros. Com isso, conseguiu do presidente Arthur Brenardes, uma doação de 4 mil hectares para minha tribo, que era dona de todo o vale. Assim nós ganhamos do generoso governo um curral para terminar nossos dias. Acontece que os fazendeiros do vale do rio Doce achavam péssimo ter a nossa vizinhança. Às vezes, quando estavam muito injuriados, juntavam homens armados, cercavam a reserva e fuzilavam quem estivesse ao alcance. Ou faziam a chamada "correria": atravessar armados a reserva, fuzilando índios. A reserva, que já era pequena, diminuiu mais ainda quando os homens que nos tutelavam pelo Serviço de Proteção ao Índio resolveram arrendar parte do terreno para os fazendeiros vizinhos poderem criar gado ou plantas. Meus parentes foram incorporados como peões, trabalhadores braçais ou escravos a partir do final da década de 30. Em 1950 houve um massacre muito grande dos índios que ainda resistiam na reserva ocupada pelos fazendeiros. No final daquela década, os índios sobreviventes foram expulsos dali porque os fazendeiros não suportavam nem sua presença.

AZ — Como agia o governo durante esse período?

AK — Conivente com o que estava sendo feito, o governo admitiu que os índios Krenak tinham sido extintos. E pelas leis do Brasil, as terras de um povo extinto eram patrimônio da União. Na década de 60, a Fundação Nacional do Índio trocou, com a Procuradoria das polícias de Minas Gerais, a reserva Krenak por uma fazenda que era um campo de correção penal. Os sobreviventes Krenak foram algemados, enfiados em cima de uma carroceria de caminhão e levados para uma colônia penal dirigida por militares. Sua missão era integrar meus parentes ao seio da sociedade. Nesse esforço, quase mataram os últimos sobreviventes do meu povo. Estas famílias foram dispersadas e chutadas para onde pudessem resistir. Algumas delas foram se esconder em reservas Caingangue, Terena ou Guarani. Outros não tiveram a chance de se agregar em alguma comunidade indígena e foram viver nas periferias das cidades, trabalhando como a maior parte dos brasileiros pobres.

AZ — O que aconteceu com a sua família?

AK — Quando nasci, em 1953, meu grupo estava vivendo no exílio de nossa terra, numa região ainda não colonizada no vale do rio Doce. Na ocasião as madeireiras estavam chegando a esse local, que tinha muito cedro, peroba, jacarandá. E fomos mais uma vez empurrados dali. Não tínhamos muito para onde fugir. No final da década de 60, meu pai pegou o grupo de filhos, primos, noras e cunhadas e se propôs a fazer uma peregrinação até a região de Foz do Iguaçu, onde há um parque nacional muito grande. Então saímos com idéia de ir para o Paraná. E essa viagem durou de 1969 até hoje para mim, porque ainda não cheguei na floresta do rio Iguaçu. Fiquei parado no Km 25 da BR 116. Nós



As lideranças da Aliança dos Povos da Floresta são fuziladas para garantir a força das elites amazônicas.

Não
construímos
monumentos
porque
passamos pela
vida como um
pássaro que
atravessa o céu
sem deixar rastro.



Luiz Antônio Ribeiro/Agência JB

O protesto de Ailton na Assembléia Constituinte

abrimos uma clareira, erguemos casas, plantamos roça e alguns dos nossos meninos foram vender flanela para os caminhoneiros. Quando foram crescendo, passaram a carregar carga para os caminhões, como eu fiz. Enquanto trabalhava assim, pensei: "Agora vou fazer um pouco de antropologia dos brancos".

AZ — E o que o antropólogo Ailton Krenak foi descobrindo?

AK — Comecei a estudar o que os brancos estavam fazendo. Eles chegaram na minha terra, mataram meu povo, depois foram à floresta onde nos escondíamos, arrancaram as árvores e espantaram a gente de novo. Eu queria ver como eles eram, onde era a casa deles. Comecei a descobrir que eram diferentes entre si. Há brancos que são pretos, amarelos, vermelhos, pobres, ricos, crentes, católicos, comunistas, materialistas, valentes, mansos. Pensei: vamos ver se, conversando, conseguimos amansar esta gente. Ao mesmo tempo passei a viajar por esse pedaço de continente para ver onde estão nossos parentes, desde os Guaranis, perto da Argentina, aos lanomamis, perto das Guianas. E a gente foi fazendo o que eu poderia chamar de *revivência* do pensamento indígena. Começamos a dançar no meio da rua. Lembro-me da primeira vez em que um grupo muito grande de índios apareceu pintado, paramentado e dançou na praça do Congresso, em Brasília. Você sentia que as pessoas ficavam arrepiadas. E comentavam: "esse povo ainda existe". Eu também sentia um brilho muito bonito nos olhos dos velhos e a alegria de poderem estar dançando, pintados de novo com urucum e genipapo, diante dos símbolos de poder dos brancos. Quando dançamos em cima daquela concha do Congresso Nacional, um velhinho parente chegou

bem perto de mim, com lágrimas nos olhos, dizendo: estou muito animado em saber que vamos continuar vivos, dançando e cantando.

AZ — Existe este sentimento de unidade entre os índios brasileiros?

AK — Na verdade, estas tribos todas, estes índios — que conhecemos quase um por um — são uma família só. O sonho que anima meu espírito também anima o pajé que está no meio da floresta do Amapá, por exemplo. Mesmo sabendo que diminuimos em número, sabemos que estamos bem vivos.

AZ — Em geral, as pessoas acreditam que os índios estão desaparecendo. Qual é a reação quando percebem que não é bem assim?

AK — Muitos dos nossos amigos, nossos padrinhos brancos, ficaram meio de focinho virado. Acho que eles pensavam que nossa passagem no mundo estava ligada à questão numérica. Há aquele monte de livros dizendo: "os índios estão desaparecendo", "os nossos mortos". Nós começamos a dizer: "Parem com isso. Nós não estamos desaparecendo, estamos aqui". E esses nossos amigos tradicionais foram ficando meio assustados. Um dia chegou aqui uma inglesa que escreveu uma obra importante na década de 60 chamada *Vanishing Africa* (*África que desaparece*). Ela queria fazer um *Vanishing Amazon* e desejava nos fotografar antes que acabássemos. Eu falei: "Que coisa curiosa e ao mesmo tempo desrespeitosa que você está falando, porque você vai desaparecer antes da gente".

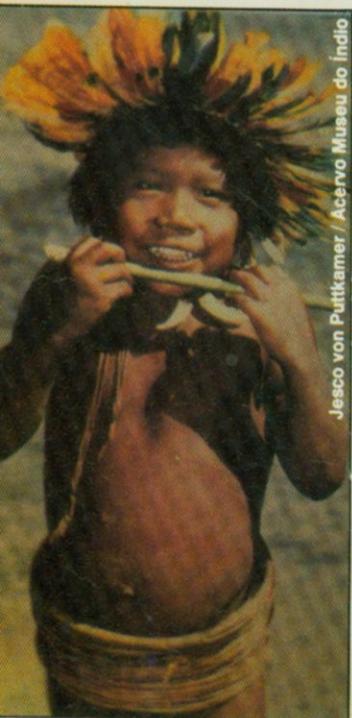
AZ — Assim como você descobriu que todos os índios pertencem à mesma família, não seria o momento de pensar a Humanidade como uma mesma família?

AK — Creio que somos todos rios correndo para o mesmo oceano. Só que alguns perderam a memória de que são rios. Não digo que os brancos não partilhem dessa memória permanente. Estou falando que grande parte dos outros povos, principalmente este que ficou sendo chamado de branco, escolheu separar-se do leite do rio. Eles ficaram à margem, organizando o mundo, dividindo o tempo em segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos. Dividiram a geografia em fronteiras, marcando, dentro destes países, onde podem morar os ricos e os pobres. Depois disso tudo determinaram onde a natureza pode se expressar, dentro de uma reserva ecológica ou no zoológico. Este pensamento escolheu fazer isso porque não quer estar no fluxo de memória do mundo. Ninguém dá ou tira esse direito de alcançar a memória. Quando uma pessoa diz para mim que quer fotografar os índios antes que desapareçam, não está partilhando do sentimento de antiguidade. Significa que ela já me colocou dentro da reserva fotográfica dela. Se acha que meu povo vai acabar é porque ela não partilha do nosso sonho. Caso contrário, chegaria aqui para se pintar conosco ou nos chamar para dançar em sua casa.

AZ — Você, que já incorporou muitos elementos da cultura branca, acredita nesse intercâmbio?

AK — Se não acreditasse não estaria aqui, responsável por um lugar que se chama embaixa-

Abaixo, uma criança uru-eu-wau-wau



Jesco von Puttkamer / Acervo Museu do Índio

Rosa Gudiano / Acervo UNI



da da União das Nações Indígenas e cujo lema é abrir uma porta de diálogo com as outras culturas. Esse nosso gesto de pacificação do espírito — e não do corpo — do povo da cidade demonstra claramente nossa disposição de buscar o que temos em comum. É o diálogo que nos torna irmãos. Mas é preciso encontrar abertas as portas da percepção do outro. O meu coração sente quando vocês falam comigo: "Mas Ailton, você está nos excluindo de alguma maneira dessa memória da criação do mundo e desse rio que corre parado". Ora, quem disse que sou dono do rio? Sou apenas a água. Por que as pessoas acham que nós fechamos ou abrimos a torneira? A água não manda no rio.

AZ — Ao mesmo tempo em que os índios vão absorvendo os aspectos práticos da cultura branca, os brancos não estarão agora resgatando suas raízes? Hoje este assunto tem que ser abordado mesmo por razões de sobrevivência, diante da crise ecológica global.

AK — Essa é uma pergunta limite que já foi feita para mim muitas vezes. Ela se origina numa maneira de ver o mundo com duas opções: o espeto ou a brasa. Na verdade, o mundo não é nem uma coisa nem outra, nem índio nem branco. Aliás, essa história de índio e branco é uma invenção dos homens e não do mundo. Quando formos suficientemente simples e existirem vários núcleos de gente resgatando a humanidade do mundo, percebemos que somos muito mais do que esse jogo ingênuo. Os homens construíram um monte de núcleos de ilusão para si mesmo e pulam de um para outro, como se andassem pulando em cima de pedrinhas num grande lago, ao invés de entrar logo na água. Não vêem que estão dentro do grande lago o tempo inteiro e que podem nadar em meio à ecologia, no sen-

tido espiritual do termo. Estas pedrinhas são os becos filosóficos e ideológicos, os chiqueirinhos culturais. Os homens ficam pulando feito pererecas com sonhos de grandeza e não percebem que o universo que podemos partilhar é muito maior. Temos mais possibilidades do que a opção de deixar os não-índios nas cidades e os índios no mato, trocando algumas figurinhas com os brancos. Isso é muito pouco. Além de continuar vivendo, devemos saber por que estamos vivendo. Uma das grandes tragédias que nos atinge, gente azul, vermelha ou branca, é que muitos de nós não sabemos por que estamos aqui. Quando se sabe isto, todas as outras questões estão resolvidas.

AZ — Aparentemente os brancos não estão ligando muito para esses porquês. Será que o poder estabelecido vai compreender isso que você está falando?

AK — Acredito que esse negócio de poder constituído é uma brincadeira de mau gosto. E que passa.

AZ — Mas esse poder existe, independente da nossa filosofia...

AK — Sim, e está nas mãos de pessoas que também são vítimas, são homens que tremem e suam durante a noite, acordam em pânico, andam com um monte de seguranças à sua volta, num carro blindado e usam elevador privativo. Quando comem, mandam alguém experimentar a comida antes. Não respiram qualquer ar. E, se viajam para lugares distantes, levam água. O presidente Bush trouxe água americana para beber aqui.

AZ — Uma vez você falou que o homem inventa um míssil e depois tem que inventar outro para caçá-lo e que seria melhor não ter feito nenhum. Comente um pouco isso.

Tanques para criação de camarões nativos do Brasil, no Centro de Pesquisa Indígena

Foram poucas as grandes batalhas contra os índios. A maioria do meu povo morreu por doenças que o branco trouxe.

Quem passa pela terra construindo monumentos não acredita em si mesmo.

**Krenak: "Nosso monumento é a nossa memória".
Abaixo, um velho caiapó guarda a memória ancestral do seu povo**

AK — Vocês já devem ter visto aquela imagem da cobra engolindo o próprio rabo. Esse pessoal está comendo o próprio rabo. Eles vão cumprir o caminho deles. Vamos deixar que façam a sua parábola.

AZ — De fato, a sociedade industrial está em crise. O que o antropólogo Ailton Krenak tem a dizer sobre isso?

AK — Não acredito que nenhum povo esteja fazendo um caminho propositalmente errado no mundo. Todos os humanos têm uma vontade muito grande de acertar. Mesmo o sujeito mais cretino deseja acertar, ao menos consigo mesmo. Esse caminho perseguido pelos homens é uma herança da Humanidade. Não é virtude nem defeito. As pessoas poderosas não são mais idiotas do que nós. O problema é que gente como nós, quando escorrega, apenas quebra o pé. Já um cara-desses, provoca uma guerra. E a irresponsabilidade é tanta, que essa gente cada vez concentra mais poder. Quando ganhamos um pouquinho de humildade, quando rejeitamos grandes responsabilidades, estamos reconhecendo nossa dimensão. Se todos nós, na nossa medida, fizermos aquilo que temos que fazer, o círculo é perfeito e ninguém se aterroriza com a própria deficiência. Mas com excesso de poder, sucumbimos por vaidade e burrice. Os tais "salvadores da pátria, redentores do povo", esses sempre foram implodidos em episódios catastróficos.

AZ — Como você vê o momento que vivemos, a revolução cultural que aos poucos toma corpo e vem sendo chamada Nova Era?

AK — Tenho tido oportunidade de trocar opiniões com gente de vários cantos do planeta, todos herdeiros dessa memória coletiva, conversando sobre esse período que estamos atravessando e cuja duração não pode ser bem determinada. Pode resultar em grande aprendizado para os povos ou também ser muito traumático. É como os ciclos da lua, ou as estações do ano. Precisamos estar com o espírito aberto para

conviver com as passagens do tempo e recebê-las como um presente. Há um aprendizado permanente com a vida em todas as suas manifestações — no vento, no fogo, na água ou na passagem do tempo. São mestres que vão nos abrando para passarmos pelo mundo de uma maneira feliz. Conquistar a felicidade é isso. Em algumas culturas, felicidade foi confundida com um estado de alienação que parece com a situação de quem levou uma bomba de gás hilariante na cara.

AZ — Uma curiosidade: de onde vem o nome Krenak do seu povo?

AK — É aquela parte da árvore onde o tronco começa a se ramificar.

AZ — E como o povo Krenak chamava a região onde vocês viviam, antes de virar América ou Brasil?

AK — Não havia um nome como a geografia nomeia os lugares. Nós denominamos os lugares pelo tempo e pelo sentido das coisas. Não há um nome definido ou permanente.

AZ — Alguns arqueólogos vêm dizendo que há ruínas de grandes civilizações escondidas pelo exército na floresta Amazônica. O que você sabe sobre isso?

AK — Essa idéia de antiguidade relacionada com um sinal feito pelos homens, é muito interessante. Isso tem significados diferentes em culturas diferentes. Meu amigo Davi Ianomâmi foi comigo a Atenas, quando fui receber o prêmio da Fundação Onassis. Lá, nos levaram para conhecer os lugares bonitos, desde o parlamento grego até o Partenon. Alguns diplomatas gregos estavam muito contentes em mostrar seus monumentos para gente de outra cultura. Um deles disse: "Isso tem 4 mil anos, vem gente do mundo inteiro ver. Qual é a impressão que vocês têm? O Davi respondeu: "Agora sei de onde os garimpeiros saíram." Isso porque os garimpeiros estavam na terra dele, destruindo florestas para erguer monumentos como aqueles. O olhar de algumas crianças em nossas aldeias tem mais antiguidade que aquele monumento. Às vezes um pajé, tomando um recém-nascido nos braços, canta e dança a alegria de ter visto aqueles olhos. Depois dá à criança o nome de um ancestral que passou por aqui há 4 mil anos e voltou no olhar daquela criança para ensinar cantos, ritos e cerimônias antigas. O olho daquele menino é como a água do rio que passa todas as manhãs por ali. Não é a mesma mas traz sempre a mesma memória. Nosso monumento mais antigo não é nenhum edifício ou pirâmide. É a nossa memória.

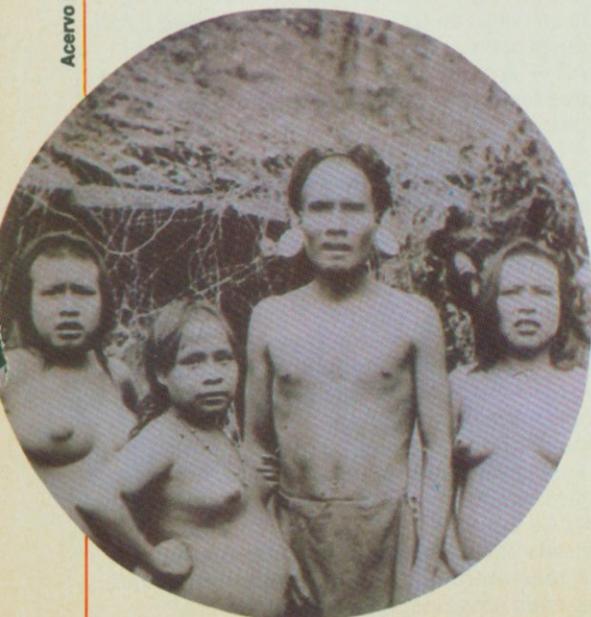
AZ — E as ruínas na Amazônia?

Sei que em várias regiões do Brasil há sinais que impressionam os arqueólogos. Por exemplo, eles ficam impressionados com algumas de nossas urnas funerárias. Para o arqueólogo, o tempo começa quando ele acha nossas urnas. Para nós, o tempo acaba quando fazemos as urnas. É como se você estivesse andando à noite com uma tocha na mão e alguém viesse no outro sentido. Ele não se comunica com você e acha que entendeu tudo. Volta e avisa aos outros: "Olha, ali vive um sujeito com uma tocha". En-





Acervo Museu do Índio



Índios krenak no início do século

graçado é que você já tinha andado milhares de quilômetros, passou por ali e foi embora. Mas quem viu você estava indo em outra direção, e tem uma visão linear. Se você atravessa a fronteira do tempo e transpõe a aparência das coisas, pode ver tudo que quiser, basta se dar o direito. Alguém pode vir aqui e ver apenas esta casa (sede da embaixada). Outra pessoa pode ver uma cachoeira ou sentir, no meio desta cidade (São Paulo) o hálito das florestas, montanhas e rios. Se esta percepção estiver aberta, o ponto deste nosso encontro está em qualquer lugar ou tempo.

AZ — Os índios estão sempre abertos para esse tipo de percepção?

AK — Eu já vi muita gente, nas tribos, em situação de sofrimento por estar distanciada do tempo. E não acredito que isso foi por causa do aparecimento dos brancos. Na nossa história antiga sempre existiu a possibilidade de vivermos num estado de espírito suspenso. Não é nada extraordinário, quem vive nesse estado, o vive com naturalidade, sabendo que é o seu caminho. Há um amigo meu que desde pequeno foi preparado para fazer o caminho do espírito, recebendo

No Centro de Pesquisa Indígena são cultivadas espécies nativas do cerrado da Amazônia para recompor áreas degradadas

Essa história de índio e branco é uma invenção dos homens e não do mundo.



Foram precisos séculos de resistência à colonização (acima) para que os krenak, como Ailton (abaixo), começassem a colher os frutos do reflorescimento da cultura indígena

Phillipe van Putten



sonhos, etc. Durante uma época, esteve intratável e, para mim, encontrar com ele era decepcionante. Um dia ele me deu um toque: era como se estivesse me dizendo que, naquele momento, tinha que fazer todas as coisas confusas para que as outras continuassem acontecendo. Muito provavelmente, você só pode crescer como ser humano porque alguém ficou suspenso enquanto isso. Se você recebeu este presente, deve ter sabedoria para zelar por ele e fazer seu caminho. No meio de qualquer povo, sempre houve essa turminha avessa.

AZ — Seria como aquele mito dos dois gêmeos?

AK — Isso, os dois gêmeos surgidos na criação do mundo. Enquanto um deles ia fazendo coisas aparentemente maravilhosas, o outro ia destruindo tudo. Quando o primeiro disse: "que palmeira bonita", o segundo subiu e disse: "lá vêm os brancos destruir a gente". Então aquele profeta irresponsável desceu e encontrou o irmão que, chorando, disse: "Dessa vez eu não vou conseguir desfazer a sua profecia". Quando você pergunta o que foi o genocídio para nós, a resposta está nesse mito. As profecias antigas já diziam que chegaria um povo para guerrear com a gente.

AZ — Você acha que os índios e os não-índios são como os gêmeos da história?

AK — Pode ser. As histórias antigas dizem que vocês são nossos irmãos. Nosso ancestral pegou seus filhos e ofereceu um presente à escolha. Um deles quis o vento, o horizonte e a contemplação. O outro quis as armas, a força. Aí esse ancestral ficou muito triste e falou: "Vocês vão se bater durante muito tempo".

AZ — E como termina essa história?

AK — Não termina. É um eterno refazer das coisas porque esta tradição é reformada e modernizada, não fica parada no tempo. Os antigos diziam que, diante da oferta de nosso avô antigo, nossos parentes escolheram o arco e o branco escolheu a arma de fogo. Os brancos constróem paredes de cimento porque é o caminho deles, querem eternizar suas coisas. Nós temos esteiras e casas de palha porque o vento leva e não deixa nenhum rastro. Isto se aplica a tudo.

AZ — A partir disso há uma postura crítica dos índios em relação aos brancos ou os índios, em geral, continuam contemplativos?

AK — Eu continuo fazendo esteiras...

AZ — Isto tem relação com o fato de você ter pintado o rosto de preto na Constituinte?

AK — Eu preferi pintar o rosto ao invés de ir com uma espingarda e dar um tiro nos deputados.

AZ — Não foi exatamente um protesto?

AK — Não. Se as pessoas sofreram com aquilo é porque elas tinham que sofrer.

AZ — Não foi um protesto, foi um reflexo.

AK — Sim. Se você estremece um Congresso pintando o rosto de preto é porque esta verdade tão antiga tem algum poder. Provavelmente, quando escolhemos o arco ao invés das armas, não escolhemos errado. Foi apenas uma opção.

AZ — Ou seja, nunca fomos necessariamente adversários. Você diria que as diferenças entre nossas culturas caracterizam apenas uma oposição complementar?

Sim.

Mesmo reconhecendo que diminuímos em números, sabemos que estamos bem vivos.